



PROVAÇÕES E CRÍTICAS NO ÂMBITO DA TEORIA DAS TRÊS IDADES: um estudo epistemológico preliminar no âmbito das imagens simbólicas e estéticas

TRIALS AND CRITIQUES IN THE CONTEXT OF THE THEORY OF THE THREE AGES: A PRELIMINARY EPISTEMOLOGICAL STUDY IN THE CONTEXT OF SYMBOLIC AND AESTHETIC IMAGES

Sérgio Rodrigues de Santana

sergiokafe@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/3280857737826244>

<https://orcid.org/0000-0002-1286-0775>

Doutor (2023) e mestre (2016) em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Especialista em Arquivologia (2022) pela Faculdade Domínios. Graduado em Biblioteconomia (2022) e em Arquivologia (2023) pela Uniasselvi e em Psicologia (2012) pela UFPB.

Carla Daniella Teixeira Girard

carlinhagirard@yahoo.com.br

<http://lattes.cnpq.br/4185308849454786>

<https://orcid.org/0000-0001-6024-8743>

Doutora em Educação (2024) pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Mestre em Ciência da Informação (2016) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Especialista em Docência da Educação Superior (2011) pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Graduada em Biblioteconomia (2009) pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Bibliotecária da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA).

Lília Mara Menezes

liliamaram@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/4318101755520707>

<https://orcid.org/0000-0002-3544-7369>

Mestra em Letras (2020) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Especialista em Literatura e Ensino (2011) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Graduada em Letras e Artes (2005) pela UERN. Professora pela Prefeitura Municipal de Governador Dix-Sept Rosado (PMGDR).

Eliane Epifane Martins

jadyeliane@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/5595539093650239>

<https://orcid.org/0000-0002-7743-0004>

Mestra em Ciência da Informação (2017) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Especialista em Gestão e Docência no Ensino Superior (2019) pela Faculdade de Teologia, Filosofia e Ciências Humanas Gamaliel (FATECH). Graduada em Biblioteconomia (2009) pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Bibliotecária da Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém (CODEM).

Annebelle Pena Lima Magalhães Cruz

annebelle.cruz@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/6454625036720372>

<https://orcid.org/0000-0003-2124-8913>

Doutora em Educação (2024) pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Mestre profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local (2013) pelo Centro



Universitário (UNA). Graduada em Psicologia (2009) pela Universidade do Vale do Rio Verde (UNINCOR) e em Ciências Sociais (2024) pela Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP).

Submetido: 05 fev. 2024

Publicado: 01 jun. 2024

RESUMO

A Teoria das Três Idades na Arquivologia emerge como fundamento epistêmico, é uma ação cíclica da frequência do acesso, uso e potencial descarte dos documentos arquivísticos. Contudo, apesar de ser um fundamento epistêmico, o que há de simbólico, estético na Teoria das Três Idades? Assim, o objetivo de estudo versa em fazer provocações preliminares e epistemológicas das imagens simbólicas e estéticas da Teoria das Três Idades. O trabalho teve abordagem qualitativa, que ocorreu frente às construções simbólicas por meio de analogias e metáforas da Teoria das Três Idades que precisam ser desveladas. Adotou a hermenêutica como método na perspectiva epistemológica, pois se considera análises dos textos, conceitos, termos, discursos e linguagens; a orientação epistêmica histórico-crítica bachelardiana que vai além de meras descrições de acontecimentos, portanto analisou e interpretou os avanços e obstáculos da Arquivologia. Infere-se que a Teoria das Três Idades é contida de imagens simbólicas e estéticas com base no biologismo com: nascimento, vida, vida produtiva, amadurecimento, morte; e até mesmo no espiritualismo por meio da ideia de reencarnação, imortalidade e limbo. E ambos biologismo e o espiritualismo são construções mentais repassadas sem questionamentos e sem derivação o que é problemático para o avanço da Arquivologia.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria das Três Idades; Arquivologia; epistemologia.

ABSTRACT

The Theory of Three Ages in Archival Science emerges as an epistemic foundation, it is a cyclical action of the frequency of access, use and potential disposal of archival documents. However, despite being an epistemic foundation, what is symbolic and aesthetic about the Theory of the Three Ages? Thus, the objective of the study is to make preliminary and epistemological provocations of the symbolic and aesthetic images of the Theory of the Three Ages. The work had a qualitative approach, which took place in the face of symbolic constructions through analogies and metaphors from the Theory of the Three Ages that need to be unveiled. It adopted hermeneutics as a method from an epistemological perspective, as it considers analyzes of texts, concepts, terms, discourses and languages; Bachelard's historical-critical epistemic orientation that goes beyond mere descriptions of events, therefore analyzed and interpreted the advances and obstacles of Archival Science. It is inferred that the Theory of the Three Ages is contained symbolic and aesthetic images based on biologism with: birth, life, productive life, maturation, death; and even in spiritualism through the idea of reincarnation, immortality and limbo. And both biologism and spiritualism are mental constructions passed on without questioning and without derivation, which is problematic for the advancement of Archival Science.

KEY WORDS: Theory of the Three Ages; Archival Science; epistemology.

1 INTRODUÇÃO

As ciências evoluem por fatores específicos no tempo-espaço, e isso inclui a Arquivologia no âmbito de suas referências epistêmicas (Bachelard, 1996). As referências consideradas epistêmicas são contidas também por imagens, pois no campo científico elas são estratégias que estão relacionadas à visualização dos

fenômenos e tecnofenômenos, auxiliando na observação e na interpretação dos objetos científicos (Azevedo Netto; Freire; Pereira, 2004; Bachelard, 1996).

Desse modo, as imagens são representações visuais e mentais que arranjam e coordenam as formas de ver e de reconhecer tudo o que nos cerca e, segundo Dolzan (2021) e Santaella e Nöth (2005), todas as imagens como representações visuais surgem das imagens da mente, e todas as imagens como representações mentais surgem das imagens visuais, e ambos os processos estão imersos em fluxos semióticos ilimitados.

A Teoria das Três Idades da Arquivologia, às vezes chamada de ‘ciclo de vida dos documentos’, ou ainda ‘estágios de evolução dos arquivos’ (Coelho, 2020), emerge como referência epistêmica, um fundamento prático-epistêmico na classificação arquivística, e, como tal, ela agrega imagens visuais e mentais. Se compreende a Teoria das Três Idades como uma ação cíclica da frequência do acesso, uso e potencial de descarte dos documentos arquivísticos (Coelho, 2020). Por sua vez, a classificação arquivística é uma ação intelectual de agrupar itens documentais a partir de um conjunto de fatores. (Coelho, 2020; Spudeit, 2021).

Indolfo (2007) afirma que foi o norte-americano Philip C. Brooks (1940) que cunhou o termo ‘ciclo vital’ dos documentos, uma construção que sustenta a Teoria das Três Idades, essa desenvolvida por autores como Cortés Alonso e Conde Villaverde na Espanha, Menne-Haritz na Alemanha, Cook na Inglaterra e Vásquez na Argentina (Araújo, 2013; Silva *et al.*, 1998). A Teoria das Três Idades é uma analogia epistêmica e, para Bourdieu (1989, p. 67), a tradição científico-epistemológica reconhece a analogia e metáforas como estratégias que facilitam as compressões densas.

De tal modo, é imperativo suspender na pós-Modernidade a Teoria das Três Idades como construto epistêmico denso para que a Arquivologia avance. Tal compressão também se baseia em Albuquerque (2023), que argumenta que a classificação arquivística não incorporou, com maiores discussões, os fundamentos da filosofia, e isso significa dizer que no campo epistemológico da classificação arquivística há fragilidades, portanto, carece de discussões epistemológicas através das críticas e/ou mesmo provocações.

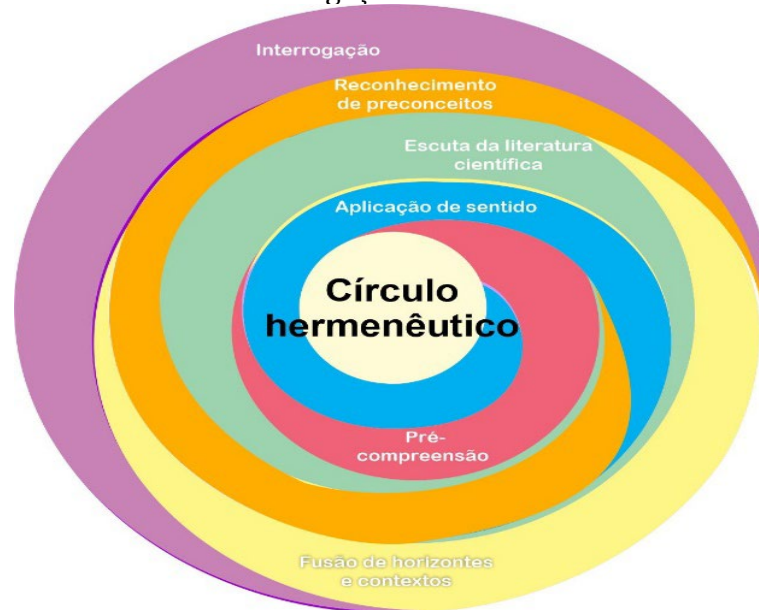
Diante do exposto, o que há de simbólico, estético e epistemológico na Teoria das Três Idades? O objetivo de estudo versa em fazer provocações preliminares epistemológicas das imagens simbólicas e estéticas da Teoria das Três Idades.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa adotou a abordagem qualitativa, a inclinação epistêmica histórico-crítica bachelardiana, e o método hermenêutico.

A abordagem qualitativa ocorreu frente às construções simbólicas da Teoria das Três Idades que precisam ser desveladas (Minayo, 2009), no fluxo dos hábitos e cultura acadêmica dos cientistas e relações complexas constituídas por simbolismos, metáforas e analogias das imagens em torno da Teoria das Três Idades. Ou seja, a natureza qualitativa focou as questões essencialmente subjetivas que demandam os aspectos compreensivo e interpretativo (Guntert, 2000), que o método hermenêutico necessita.

Adotou-se nesta pesquisa a hermenêutica como método na perspectiva epistemológica, pois se consideram análises dos textos, conceitos, termos, discursos e linguagens no âmbito da Teoria das Três Idades. Adotou-se o círculo de investigação hermenêutico na modalidade espiral como mecanismo, conforme a Figura 1:

Figura 1 – Círculo de investigação hermenêutico modalidade espiral

Fonte: Adaptado de Almeida (2022).

Assim, o círculo de investigação hermenêutico na modalidade espiral (Figura 1) é um construtor de pontes entre os textos, conceitos, termos, discursos e linguagens e o cientista; o ato da sua escrita e o ato da sua leitura e o sujeito e a sua situação. Trabalhar com a circularidade como procedimento padrão permite que os cientistas investigadores mantenham o foco, constituindo uma estrutura circular de compreensão e, naturalmente, de produção de conhecimento.

Neste trabalho, o círculo partiu do modelo proposto na Ciência da Informação por Almeida (2022), que contempla seis pontos. O primeiro ponto, **pré-compreensão**, versa sobre a fase preparatória da pesquisa. Do mesmo modo se visualiza o fluxo composto por processos que inclui a procura, seleção, aquisição, leitura prévia e organização de recursos textuais e materiais, ou seja, o *corpus* da pesquisa.

O ponto **reconhecimento de preconceitos** (sistema 1, azul) versa sobre a contextualização dos recursos e de seus autores, assumindo-se um compromisso entre o objeto e o sujeito da investigação (Almeida, 2022). Nesta, é pertinente olhar o contexto e analisar alguns fenômenos que envolvem as passagens, ou seja, neste caso, os fragmentos temporais, pois é preciso compreender que, se uma dada passagem não está clara, não se deve credenciá-la.

O ponto **fusão de horizontes e contextos** (Figura 1, amarelo) versa sobre a realização da leitura dos documentos/fenômenos e o cruzamento dos autores, desembocando em nova procura ou na interpretação (Almeida, 2022; Santana *et al.*, 2023).

O ponto **escuta da literatura científica** (sistema 1, roxo), versa sobre a retirada dos significados, se identificam as ideias-chave e as problemáticas, se avaliam práticas e se detectam as lacunas. Nesta etapa, a essência do ato de compreensão interpretativa toma contornos mais definidos (Almeida, 2022; Santana *et al.*, 2023).

O ponto **aplicação de sentido** (sistema 1, rosa) constitui o resultado concreto das etapas anteriores e é uma construção efetiva de (novo) conhecimento, deste modo, a episteme é concluída. Nela, os objetivos da investigação serão afirmativos (concordância e reforço) ou negativos (discordância e oposição), e refletem na revisão de literatura com valor próprio ou também num produto de caráter mais



prático, por exemplo, uma experiência ou um estudo de caso (Almeida, 2022; Santana *et al.*, 2023).

No ponto **interrogação** (sistema 1, laranja), a reflexão e o questionamento sobre a validade da própria construção são considerados. Esta última etapa corresponderá à verificação ou à avaliação do trabalho realizado, na modalidade definida pelo investigador, entendida não só como uma explicação sobre a importância do objeto de estudo, mas também como um desafio ao conhecimento alcançado, reforçando a sua compreensão e robustecendo-o como marco teórico para o futuro (Almeida, 2022; Santana *et al.*, 2023).

A inclinação histórico-crítica bachelardiana versa sobre analisar e interpretar os avanços epistêmicos, como os possíveis obstáculos epistêmicos no desenvolvimento da área. O percurso histórico-epistêmico não encerra em si meras descrições de acontecimentos (Santana, 2023). Ou seja, não se empreender forças para contar como a Teoria das Três Idades como analogia epistêmica foi forjada por questões econômicas, sociais, culturais e filosóficas e escolas de pensamentos, assim, esgotando todas as possibilidades. A inclinação da análise versa sobre o racionalismo aplicado de Bachelard (1996), de atentar para o lugar da Teoria das Três Idades na Arquivologia pós-moderna, em que as provocações em espectro de crítica, ou vice-versa, servem para uma possível reestruturação compatível e viável.

Para Bachelard (1996), a crítica é um mecanismo integrante do novo pensamento científico, no qual Minayo (2009) a conforma como mecanismo do rigor científico, pois, por meio dela, ocorrem: a) o afastamento da especulação; b) a consistência, a qualidade argumentativa do discurso e os conceitos tecnicamente construídos; c) a originalidade, para o avanço científico e fuga do prolongamento ou continuidade; e, por fim, d) a objetivação – que são as teorias, metodologias e tecnologias que dão conta do tecnofenômeno.

O *corpus* da pesquisa se constituiu de um conjunto de trabalhos diversos, e a busca se deu em dois momentos, no primeiro semestre de 2024. A primeira parte da busca foi feita na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), que tem o objetivo de subsidiar os estudos na área de Ciência da Informação, entre março e abril, o que contempla a Arquivologia. Portanto, a busca foi realizada utilizando os buscadores ‘teoria das três idades’, ‘ciclo vital de documento’, ‘ciclo vital’ e ‘ciclo de vida’, a partir os filtros ‘todo’ e ‘título’ e “palavras-chave”, assim, recuperando sete trabalhos.

A segunda parte ocorreu através da busca avulsa no *Google* entre abril e maio, utilizando os mesmos marcadores, mas também traduzidos para o inglês como ‘*three ages theory*’, ‘*document life cycle*’, ‘*life cycle*’ e ‘*life cycle*’.

Para representar a metodologia, desenvolvimento, análises e discussão com uso de quadros, sistema e ideograma, usou-se *software CorelDRAW* na versão 20/2018 (Corel Corporation, 2024), pois as ilustrações facilitam com que os leitores tenham mais clareza do das derivações.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Classificar é humano, pois a classificação é uma das muletas do pensamento que opera naturalmente quando o sujeito está frente a uma massa de informações muito densa, complexa e desordenada. Neste sentido, construir as classificações dos arquétipos, estereótipos, rótulos e etiquetas não é necessariamente um fenômeno negativo, segundo Candau (2012).

O problema emerge quando se utiliza com intenções perversas para diminuir, inviabilizar e desqualificar as coisas e, sobretudo, as pessoas. A classificação pode seguir por dois caminhos, como a reunião de objetos e seres com características afins, como pela segregação, pois faz a separação de características não afins, tornando a classificação um fenômeno controverso, embora, necessário. Na Arquivologia, a classificação:

[...] é a atividade que elabora, a partir de uma concepção intelectual, a articulação e identificação dos documentos entre si e estuda a forma como estes foram produzidos, para que sua existência seja determinada e, a partir daí, se materializar no instrumento plano de classificação, que espelha a estrutura, funções e atividades de determinado órgão produtor (Albuquerque, 2023, p. 129).

A concepção intelectual ao que destaca Albuquerque (2023) se inclui as discussões das imagens simbólicas, estéticas e epistemológicas para que os arquétipos, estereótipos, rótulos e etiquetas mal elaborado e com intenções obscuras sejam diluídas nesta atividade.

3.1 IMAGENS SIMBÓLICAS, ESTÉTICAS E EPISTEMOLÓGICAS

Compreender a concepção intelectual enfatizada por Albuquerque (2023) versa, por consequência, sobre a ideia de que ciência é um fenômeno da inteligência humana, segundo Bachelard (1996), logo, investigar a vida mental do pesquisador é uma tarefa importante quando se visualizam os construtos científicos (Santana, 2023). Isso significa afirmar que a inteligência humana produz excedentes de imagens acidentais ou não, obscuras ou não e que estão divididas em dois grandes domínios:

No domínio das representações visuais, estão as gravuras, as pinturas, os desenhos, os infográficos, a fotografia, as imagens televisivas, cinematográficas e holográficas. No domínio das representações mentais – da capacidade que temos de criar imagens em nossa mente – visões, modelos, sonhos, fantasias, imaginações (Dolzan, 2021, p.74).

Entre estas dimensões transitam as imagens simbólicas, estéticas e também epistemológicas, três fenômenos em que alguns pontos se interseccionam, e em outros se distanciam (Aumont, 2012; Santana, 2023). Mas as imagens simbólicas, estéticas acidentais ou não, obscuras ou não podem partir das visões, modelos, sonhos, fantasias, imaginações, pois a vida mental do pesquisador aloca luzes, mas também escuridão.

A imagem consegue sintetizar as características dos fenômenos e tecnofenômenos que nos cercam, portanto, tornar visíveis os contrastes e as continuidades sobre o mundo a partir de nossos pré-sensores culturais (Descola, 2010), mas também biológicos.

Na perspectiva de Aumont (2012), a imagem não existe gratuitamente na estrutura cognitiva, ela está vinculada ao real que está estruturada através da representação, assim de valor simbólico e valor de signo, na qual esses valores engendram o seu uso latente de estabelecer uma relação com o mundo.

Nessa relação há três níveis: as imagens simbólicas, estéticas e epistêmicas, em que as simbólicas estruturam as imagens estéticas e epistêmicas, como demonstra o Quadro 1, pois delineiam os processos de reconhecimento e rememoração responsáveis pela função do raciocínio e da memória (Carvalho, 2007).

Quadro 1: As imagens simbólicas, estéticas e epistêmicas de Aumont (2012)

Imagens simbólicas	Imagens estéticas	Imagens epistemológicas
<p>Inicialmente as imagens serviram de símbolos; para ser mais exato, de símbolos religiosos, vistos como capazes de dar acesso à esfera do sagrado pela manifestação mais ou menos direta de uma presença divina. Sem remontar à pré-história, as primeiras esculturas gregas arcaicas eram ídolos, produzidas e veneradas como manifestações sensíveis da divindade (mesmo que essa manifestação permaneça parcial e incomensurável para a própria divindade). Na verdade são inúmeros os exemplos em que a iconografia religiosa, figurativa ou não, é vasta e ainda atual: certas imagens representam divindades (Zeus, Buda ou Cristo) e outras têm valor quase puramente simbólico (a cruz cristã, a s uástica hindu). Os simbolismos não são apenas religiosos, e a função simbólica das imagens sobreviveu muito à laicização das sociedades ocidentais, quando mais não seja para veicular os novos valores (a Democracia, o Progresso, a Liberdade etc) associados às novas formas políticas. Além disso, há muitos outros simbolismos que não têm uma área de validade tão importante</p>	<p>O modo estético. A imagem é destinada a agradar seu espectador, a oferecer-lhe sensações (aisthesis) específicas. Esse desígnio é sem dúvida também antigo, embora seja quase impossível pronunciar-se sobre o que pode ter sido o sentimento estético em épocas muito distantes da nossa [...]. Seja como for, essa função da imagem é hoje indisociável, ou quase, da noção de arte, a ponto de se confundirem as duas, e a ponto de uma imagem que visa obter um efeito estético poder se fazer passar por imagem artística (vide a publicidade, em que essa confusão atinge o auge).</p>	<p>O modo epistêmico. A imagem traz informações (visuais) sobre o mundo, que pode assim ser conhecido, inclusive em alguns de seus aspectos não-visuais. A natureza dessa informação varia (um mapa rodoviário, um cartão postal ilustrado, uma carta de baralho, um cartão de banco são imagens cujo valor informativo não é o mesmo), mas essa função geral de conhecimento foi também muito cedo atribuída às imagens. Por exemplo, ela é encontrada na imensa maioria dos manuscritos iluminados da Idade Média, quer ilustrem a Eneida ou o Evangelho, quer sejam coletâneas de pranchas botânicas ou de portulanos. Essa função foi consideravelmente desenvolvida e ampliada desde o início da era moderna, com o aparecimento de gêneros "documentários" como a paisagem e o retrato.</p>
<p>(Aumont, 2012, p. 80)</p>		

Fonte: Adaptado de Aumont (2012).

Na construção do espectador pela imagem, como na construção da imagem pelo espectador, e nessa dupla esfera Aumont (2012), destaca sua estrutura com o imaginário, as emoções, a base sociocultural, o real, o saber, o tempo, o espaço, dentre outros.

Ele vê por duas abordagens, a gestáltica e a gerativa. Na gestáltica se ampara em leis inatas, vislumbrando o subjetivo na relação espectador e imagem. Essa concebe a relação a partir de premissas indutivistas atadas a estruturas mentais. A segunda abordagem trabalha a relação a partir da internalização da imagem a partir da linguagem, vislumbrando modelos globais (Carvalho, 2007).

Para Aumont (2012), visualizando o Quadro 1, as imagens simbólicas contêm ideologias sacras, assim sendo, no nível personificação, consistem na atribuição a objetos inanimados ou seres irracionais de sentimentos ou ações humanas. Enquanto as imagens estéticas têm o objetivo de oferecer sensações de felicidade, e certeza, como a premissa de Confúcio, em que, numa frase que já se tornou quase um dito popular, afirma que “uma imagem vale mais que mil palavras”.

As imagens epistêmicas expressam conhecimentos e mensagens através do simbólico e do estético. As imagens epistêmicas são construtos feitos a partir da vigilância científica, construídas da gerência da tríade sentimentos, afetos e emoções no âmbito do simbólico e do estético do pesquisador nas construções da pesquisa, o que ele traz de si e que reflete negativamente, experimente ou prosaicamente sobre o objeto científico.

As imagens simbólicas, estéticas e epistêmicas estão presentes na vida mental dos sujeitos, mas para o cientista é preciso ter mais cuidado, pois, para Bachelard (1996, p. 261):

O **realista** pega logo na mão o objeto particular. Porque o possui, ele o descreve e mede. Esgota a medição até a última decimal, como o tabelião conta uma fortuna até o último centavo. Ao inverso, o **cientista** aproxima-se do objeto primitivamente mal definido. E, antes de tudo, prepara-se para medir. Pondera as condições de seu estudo; determina a sensibilidade e o alcance de seus instrumentos. Por fim, é o seu método de medir, mais do que o objeto de sua mensuração, que o cientista descreve.

Nesse sentido, realistas e cientistas se apropriam e conservam as imagens a partir de suas vivências e experiências do imaginário, das emoções, da base sociocultural, do real, do saber, do tempo, do espaço, dentre outros.

Na ciência, as imagens simbólicas e estéticas são abstrações nebulosas de interesses, intenções e comodidades de um sujeito realista que descreve e mensura e esgota às pressas a imagem. Por sua vez, as imagens epistemológicas são fenômenos claros e efetivos da instanciação, ou seja, da construção do conhecimento científico, isso quando emergem através da percepção de um cientista que é mais cauteloso inclusive como o método.

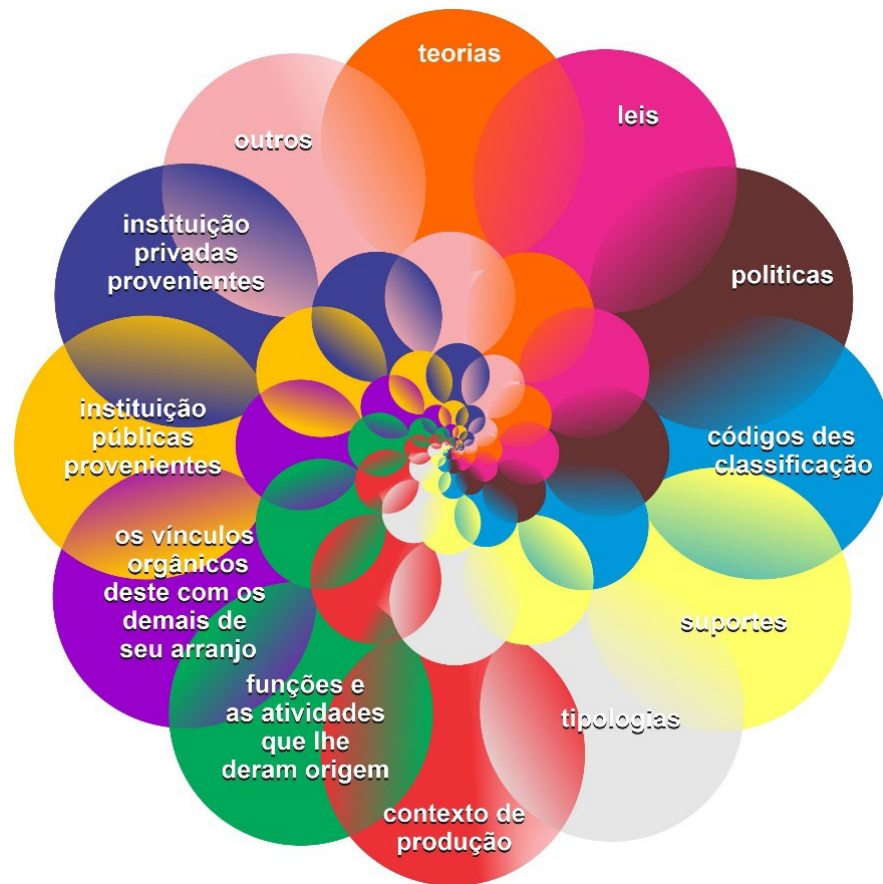
Portanto, para descortinar as imagens estética e simbólica é preciso fazer referência ao retorno a bases epistêmicas de uma determinada teoria, pela autocrítica também à sua psique, ou seja, o pesquisador deve refletir sobre sua 'vida mental' no âmbito da 'concepção intelectual', tratando-se de um retorno e encontro de si mesmo quanto às bases das significações das imagens estéticas e simbólicas.

Retorno à distinção das abstrações nebulosas simbólicas e estéticas para focar as abstrações epistemológicas na construção do conhecimento científico (Aumont, 2012; Bachelard, 1996).

3.2 CLASSIFICAÇÃO ARQUIVÍSTICA E A TEORIA DAS TRÊS IDADES

A classificação arquivística é uma ação intelectual, como expõem Coelho (2020), Spudeit (2021). Nesse sentido, ela se comporta como um campo da Arquivologia a partir dos fatores que são intervenientes, como demonstra o ideograma (Figura 2), e em que cada fator tem o potencial de ser um espaço para que as imagens estéticas e simbólica emergjam, pois as ações intelectuais são subjetivas antes de se tornarem objetivas como função técnica no fluxo da aplicação.

Figura 2: Ideograma – Classificação arquivística e fatores



Fonte: Autores (2012).

Como comprova o Figura 2: Ideograma, os fatores intervenientes são teorias (esfera laranja), leis (esfera rosa), políticas (esfera marrom); códigos de classificação (esfera azul claro); suportes (esfera amarelo claro); tipologias (esfera cinza), contexto de produção (esfera vermelha); funções e as atividades que lhe deram origem (esfera verde); os vínculos orgânicos deste com os demais de seu arranjo (esfera roxa) e com as instituições públicas ou privadas provenientes (esfera amarelo e azul) e outros. (Coelho, 2020; Spudeit, 2021).

A Teoria das Três Idades (esfera laranja) versa sobre uma dimensão, a uma ação cíclica da frequência do acesso e uso e o potencial de eliminação dos documentos arquivísticos que são marcados por três fases: corrente/primeira, intermediário/segunda e permanente/terceira.

Quanto aos documentos e a questão do fluxo da frequência do acesso e uso que são mantidos no arquivo corrente ou intermediário, e para aqueles que têm frequência baixa, mas que não podem ser eliminados e de valor secundário ou histórico-cultural são acomodados no arquivo permanente (Coelho, 2020; Spudeit, 2021). Contudo, antes de ação cíclica, a Teoria das Três Idades fora uma ação intelectual/subjetiva

Como mecanismos práticos, a Teoria das Três Idades também auxilia na tomada de decisões.

No arquivo corrente ou 1ª idade, os documentos se encontram junto aos órgãos produtores/acumuladores em razão de sua vigência e da frequência com que são consultados por ele. No intermediário, os documentos aguardam o término do seu prazo precaucional para eliminação ou encaminhamento ao arquivo permanente. Por fim, no arquivo permanente ou 3ª idade os documentos são preservados em

definitivo em razão de seu valor histórico, testemunhal, legal, probatório e científico-cultural.

Os arquivos correntes se concebem como um conjunto de documentos e são arquivos continuamente necessários às rotinas diárias da instituição. Esses documentos fazem parte da primeira fase do ciclo dos documentos e precisam estar acessíveis diariamente, já que o uso deles é frequente (Coelho, 2020).

Os arquivos intermediários se figuram na segunda fase, são os documentos transferidos ao arquivo de *status* intermediário já não possuem mais frequência de consulta, uso ou sequer tramitam, mas ainda possuem valor legal, probatório, fiscal, arquivístico, portanto, não podem ser eliminados e têm baixa frequência de uso.

Contudo, é imperativo que eles sejam organizados, acondicionados, conservados e devem estar aptos para serem recuperados em caso de consulta de seu conteúdo informacional (Coelho, 2020).

Os arquivos permanentes versam nos documentos que não são passíveis de eliminação e adquirem um valor histórico-cultural e são recolhidos a um arquivo permanente, logo se figurando a terceira fase do ciclo de vida e receberão um tratamento de conservação para a guarda definitiva (Coelho, 2020).

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

O retorno à Teoria das Três Idades é imperativo para o avanço da Arquivologia, pois promove um alargamento dos quadros dos conhecimentos epistemológicos do campo.

Os fragmentos compostos por bases simbólicas e estéticas da Teoria das Três Idades (Quadro 2) servem como indícios que demandam inclinação dos arquivistas em suspender e analisar essa teoria.

Quadro 2: Fragmentos compostos por bases simbólicas e estéticas

Fragmento			(b)	(e)
→ imagens Epistemológicas	→ imagens Simbólicas	→ imagens Estéticas		
CHAGAS, C. A. AVALIAÇÃO DE DOCUMENTOS ARQUIVÍSTICOS: TEORIA E METODOLOGIA. <i>Ágora</i> , Florianópolis, v. 30, n. 61, jul./dez. 2020. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/37024/1/Avalia%C3%A7%C3%A3o%20de%20documentos%20arquiv%C3%ADsticos%20teoria%20e%20metodologia.pdf . Acesso em: 15 jun. 2023.			x	
A avaliação de documentos, uma das sete funções arquivísticas descritas por Rousseau e Couture (1998), é um dos principais desafios enfrentados pelo arquivista. Definir pela “ vida ” ou “ morte ” de um documento envolve ter critérios como objeto reflete o reconhecimento de sua centralidade e claros e precisos, sem desconsiderar, contudo, a subjetividade envolvida em qualquer processo de escolha. Ao envolver o poder de moldar a memória, trata-se da maior responsabilidade para o profissional do nosso tempo. [...]. A escolha pela avaliação relevância. Os resultados do processo de avaliação definirão o que será o patrimônio documental de uma nação, ou seja, ao definir pela “ vida ” ou “ morte ” de um documento, a avaliação tem um enorme poder sobre a formação da memória (DINGWALL, 2016). A relevância dessa função é apontada por autores de diferentes nacionalidades e de diferentes tendências de pesquisa, entre eles [...] (Chagas, 2020, p. 479).				



<p>INDOLFO, A. C. Gestão de documentos: uma renovação epistemológica no universo da Arquivologia. Arquivística.net, v. 3, n. 2, 2007. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/50444. Acesso em: 15 jun. 2023.</p>	x	x
<p>Para esse autor, um sistema integral de gestão de documentos se ocupará de tudo o que sucede aos documentos de uma organização através de seu ciclo de vida, isto quer dizer, desde seu “nascimento”, passando por sua vida ativa e produtiva como meio de cumprir com as funções da organização, até sua “morte” ou destruição quando tenham cumprido com todas as finalidades pertinentes, ou sua “reencarnação” como arquivos, se possuem valores que justifiquem sua conservação (Indolfo, 2007, p. 36).</p>		
<p>MEDEIROS, N. L.; AMARAL, C. M. G. A representação do ciclo vital dos documentos: uma discussão sob a ótica da gestão de documentos. Em Questão, Porto Alegre, v. 16, n. 2, 2010. Disponível em: https://brapci.inf.br/#/v/11041. Acesso em: 15 jun. 2023.</p>	x	x
<p>Assim, são apresentadas as representações das três fases do arquivamento por que passam os documentos (corrente, intermediária e permanente) e a do ciclo vital de documentos proposta por James Rhoads (1989) (nascimento, vida ativa/ produtiva, morte ou destruição, e reencarnação). Por último, questiona-se o papel do ciclo de vital dos documentos em um processo de gestão de documentos, considerando que os critérios de avaliação documental levam à representação da ideia de ciclo vital do documento (gestação, nascimento, vida administrativa ativa/produtiva, e destinação final), e essa, por sua vez, leva à determinação do trânsito dos documentos entre arquivos, propiciando a intervenção nas fases de vida, e sustentando, por fim, a aplicação da teoria das três idades. (Medeiros; Amaral, 2010, p. 297).</p>		
<p>Em seguida, buscou-se, com apoio em Delgadillo (2006), Esposel (1994), Indolfo (2007), Lopes (1996) e Rosseau e Couture (1998), formular a representação das três fases do arquivamento por que passam os documentos (corrente, intermediária e permanente). Para a compreensão do ciclo vital dos documentos, formula-se a representação proposta por James Rhoads (1989), que engloba quatro fases, que vão do nascimento à vida ativa e produtiva, passando pela morte ou destruição, e alcançando, por fim, a reencarnação. Por último, questiona -se o papel do ciclo de vital dos documentos em um processo de gestão de documentos (Medeiros; Amaral, 2010, p. 299).</p>		
<p>b) Vida produtiva – os documentos, cumprida a finalidade para a qual foram criados em sua fase administrativa. O trabalho da gestão de documentos dando suporte à administração e atuando nas atividades ligadas à eficácia, eficiência e menor custo do arquivo corrente e/ou central, da eliminação, da transferência ao arquivo intermediário ou do recolhimento ao arquivo permanente; c) “Morte” (entendida aqui como um pit stop – do limbo/ purgatório para a destruição ou reencarnação) – o trabalho da gestão de documentos dando suporte à administração e atuando nas atividades ligadas à eficácia, eficiência e menor custo do arquivo intermediário para cumprimento dos prazos de guarda até que possa ser dada a destinação final (destruição ou reencarnação, nas palavras de Rhoads (1989), ou seja, eliminação ou recolhimento ao arquivo permanente). Sob a ótica da gestão de documentos, em que as atividades de avaliação e valorização dão origem a instrumentos como a tabela de temporalidade e destinação dos documentos (TTDD), que indica o caminho percorrido desde a produção até a destinação final, acredita-se que tal instrumento reflete a existência dos documentos mortais e dos documentos imortais, e não a morte como uma passagem para a reencarnação. Assim, visualiza-se o ciclo vital dos documentos (mortais e imortais): gestação e nascimento > vida produtiva > destino final. d) Gestão de documentos de valor permanente – abarca o desenho e os equipamentos dos depósitos, os processos de conservação e preservação dos arquivos [...]. Com vistas à gestão de documentos, Rhoads (1989, p. 3) indica as fases descritas nas alíneas “a”, “b” e “c”. A gestão de documentos começa na origem, ou seja, na produção do documento. Sem isso o ciclo vital dos documentos perderia o seu sentido, o que vai ao encontro de Rhoads (1989, p. 3) quando indica que um sistema integral de gestão de documentos se ocupa de tudo o que sucede com o documento por meio de seu ciclo de vida, que vai desde o nascimento, passando pela vida produtiva, chegando à morte ou destruição e alcançando, quando merece ser conservado permanentemente, a reencarnação. (Medeiros; Amaral, 2010, p. 304).</p>		



<p>A morte, nesse caso, estaria ligada ao fim da vida produtiva na fase administrativa? Não desmerecendo a incontestável qualidade do trabalho de Rhoads (1989), não se acredita aqui que os documentos morram, pois há casos em que o documento recolhido ao arquivo permanente tem novamente valor para a fase administrativa (Medeiros; Amaral, 2010, p. 304).</p>		
<p>CRUZ MUNDET, J. R. Principios, términos y conceptos fundamentales. Administración de documentos y archivos, Madrid. Disponível em: https://www.entrierios.gov.ar/archivogeneral/userfiles/files/bibliografia%20archivistica/2_%20Cruz%20Mundet.pdf. Acesso em: 20 jun. 2023.</p> <p>Así se creaba uno de los paradigmas de la archivística contemporánea, de enorme influencia hasta nuestros días, que em essencia vien a señalar que el documento tiene una vida similar a la de um organismo biológico, el cual nace (fase de creación), vive (fase de manteniemento y uso) e muere (fase de expurgo) (Cruz Mundet, 2012, p. 90).</p>	X	
<p>COSTA FILHO, C. M. Al. Records continuum: limitações do ciclo vital dos documentos na era pós-custodial e as contribuições da Arquivologia australiana. Disponível em: https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/centrais-de-conteudo-old/ppmodila2017-dissert-cassio-jun2020-pdf. Acesso em: 20 jun. 2023.</p> <p>Podemos reputar como uma das características mais acentuadas do ciclo vital a utilização da metáfora da vida de um organismo biológico. Glenn Dingwall, proeminente arquivista canadense, defende que essa metáfora é uma das que é mais frequentemente aplicada em conjuntos de objetos que possuem uma existência temporal definida pela ligação entre sua criação e extinção (nascimento e morte) e que experimentam uma mudança na natureza de suas propriedades (crescimento, amadurecimento e declínio) à medida que progridem pelas várias etapas entre essas fronteiras.⁸⁷ Penn et al.¹⁰⁹ explicam que o ciclo vital dos documentos considera que a informação registrada tem uma vida, similar à de um organismo biológico, que nasce (fase de criação), vive (fase de manutenção e uso) e morre (fase de destinação). Os autores entendem que os vários procedimentos que compõem as fases são inter-relacionados. Como exemplo, os documentos vitais estão correlacionados a elementos de segurança, e a temporalidade está relacionada à avaliação e à destinação (Costa Filho, 2020).</p>	X	X
<p>SILVA, D. C. Ética na avaliação documental no arquivo Guilherme de la Penha do museu paraense Emílio Goeldi. Monografia (Graduação em Arquivologia) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, Faculdade de Arquivologia da Universidade Federal do Pará, Belém, 2019. Disponível em: https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/bitstream/prefix/4028/1/TCC_EticaAvaliacaoDocumental.pdf. Acesso em: 15 jun. 2023.</p> <p>Em sua apresentação Brooks refere-se à gestão de documentos como a vida de um “organismo biológico” onde o documento nasce se mantém e “morre” administrativamente, com essa analogia Brooks criou um modelo de organização que permitiu atribuir uma lógica diferente aos documentos arquivos, que na época enfatizavam a documentação permanente (Silva, 2019, p. 20.).</p>	X	X

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

A Teoria das Três Idades é uma analogia epistêmica, e tem a ideia de ‘ciclo vital’ como estrutura básica. Costa Filho (2020) revela que na atual conjuntura requer pensar novas questões, como a possibilidades de novas interpretações, adaptações, e a compreensão das rejeições totais ou parciais sobre essa estrutura, logo, sobre a Teoria das Três Idades.

Aponta-se que Brooks (1940) fez pela primeira a comparação do documento ao organismo biológico em uma reunião da *Society of American Archivists* na cidade de Washington, em abril de 1940.

Em seguida, tem-se disseminado o artigo intitulado *Selection of records for preservation*, publicado no periódico *The American Archivist*, também em 1940.



Porém, é preciso compreender a partir de estudos mais profundos sobre Brooks e a influências sofridas da Biologia que possibilitou ele fazer analogias epistêmicas na construção da Teoria das Três Idades. Décadas mais tarde, Perotin (1966) discorre no texto *Administration and the "Three Ages" of Archives*:

It is possible to make other analogical approaches—for example to consider archives as organisms or as living matter, and to play biologist or demographer. It is not necessary, however, to do so.¹ (Perotin, 1966, p. 368).

Esse fragmento de Perotin (1966) é repassado como imagem estética, logo sem derivação, sem questionamentos e incômodos, e essa é a natureza de imagem estética, ela imóvel e rígida e sem aprofundamentos.

Além da imagem fundamentalmente estética, neste fluxo conforme o Quadro 2, se destacam mais duas espécies de imagens, uma essencialmente simbólica com reflexos estéticos, e outra essencialmente estética com reflexos simbólicos. A ideia de ‘ciclo vital’ é demarcada por construtos: **nascimento, vida, vida produtiva, amadurecimento e morte**. A ideia de ‘ciclo vital’, por consequência, associa o transcendental do físico/matéria para o não físico, não do sentido digital, mas do divino e do sacro, como a ideia de **reencarnação, imortalidade e limbo**.

Assim, conforme o Quadro 2, as imagens essencialmente simbólicas com reflexos estéticos e as imagens essencialmente estéticas com reflexos simbólicos têm base no biologismo (b) e no espiritualismo (e). As imagens simbólicas e estéticas que estruturam a Teoria das Três Idades têm a natureza personificação, que consiste em atribuir ao documento características essenciais humanas, e como tal luta no tempo cronológico e não lógico.

As imagens de fisicalidade e transcendentais promovem dificuldades na aplicação no que tange aos documentos digitais, segundo Euzébio, Grigoletto e Silva (2022), pois destacam características dos documentos digitais mais complexos, porque a fisicalidade do documento não é relevante nesse quesito.

Deve-se compreender que as bases simbólicas e estéticas foram fundamentais no determinado contexto em que a Teoria das Três Idades deu seus primeiros passos, pois elas foram utilizadas como analogias epistêmicas. Porém, como demonstra o Quadro 2, com as análises delas como vista a reconfiguração e/ou rupturas de forma integral como de aspectos, essas bases simbólicas e estéticas da Teoria das Três Idades no contexto atual demarcam que essas ideias se tornaram obsoletas por diversos motivos teóricos, práticos, tecnológicos e culturais da Arquivologia.

Considerando que um documento é dotado de significação dada pelo arquivista ou até mesmo pelo historiador, como evidência, prova e/ou fato, como exemplo o caso do antílope de Briet (1951) que o configurou como um documento. O caso do antílope logo nos faz compreender que um documento é um conjunto constituído a partir de redes institucionais de linguagens feito dentro de uma rede ou de várias redes de relações indexicais e transformado como objeto semiótico por uma rede de produção (Saldanha, 2012).

Pensá-lo sobre outro prisma, especialmente, sobre a ideia de ‘ciclo de uso’, ou ainda melhor ‘ciclo do acesso e uso’ e não de ‘vida’ pode ser uma alternativa epistêmica para a reconfirmação da Teoria das Três Idades, a tornando atual e aplicável ao documento, seja ele, um antílope e/ou um suporte digital, assim quebrando a lógica de

¹ É possível fazer outras abordagens analógicas – por exemplo, considerar os arquivos como organismos ou como matéria viva, e brincar de biólogo ou demógrafo. Não é necessário, no entanto, fazê-lo.

tempo cronológico que vem do biologismo, e instaurado a dimensão de tempo lógica do acesso e uso do documento.

5 CONSIDERAÇÕES

As discussões deste *paper* versam promover provocações sobre a Teoria das Três Idades da Arquivologia, como ela se apresenta na pós-modernidade. De tal modo a não se empreender forças por abordagens epistêmicas e/ou filosóficas, logo, de discussões históricas nas questões econômicas, políticas, sociais e culturais que esgotam todas as possibilidades para narrar como a Teoria das Três Idades foi forjada.

Ainda que, descrevendo alguns pontos no tempo-espaço, o foco na Teoria das Três Idades, versa sobre o fato do que se pode fazer com ela através da suspensão e da reconfiguração total, e de forma parcial de alguns aspectos dela.

Neste estudo, a intenção não é romper com ela, *a priori* versou em suspender e, *a posteriori*, reconfigurar para redefini-la, para impedir o avanço do uso realista que reflete bases do senso comum sobre ela. A inclinação da análise no racionalismo aplicado de Bachelard (1996), deu-se uma vez que o racionalismo aplicado tem o potencial de restabelecer a verdade da prática científica ao agregar os valores de coerência com a constância ao real (Bourdieu, 1989).

As análises são preliminares e, como provocação ao tema, os autores estão conscientes dos aprofundamentos teóricos que precisam ser feitos sobre os aspectos inferidos neste estudo, e isso pode ocorrer em colaboração com outros agentes e pesquisas da Arquivologia para o desenvolvimento mais amplo das ideias.

Contudo, neste recorte argumentativo, infere-se que o que há de simbólico e estético e que antes foram epistemológicas na Teoria das Três Idades tem estrutura no biologismo e no espiritualismo. O primeiro caso, que formulou as primeiras noções forma importantes, fato muito bem colado por Bourdieu (1989), quando discute sobre analogias epistêmicas.

Assim, o que há de simbólico e estético na Teoria das Três Idades são o biologismo e o espiritualismo, o biologismo como construções primeiras que são repassadas sem questionamentos, logo, sem derivação, o que ocorre com o espiritualismo, esse sendo fenômeno novo, e ambos são problemáticos para o avanço da Arquivologia, pois a classificação arquivística pós-moderna é reflexiva.

Considerando a Teoria das Três Idades como analogia epistêmica com base no ‘ciclo de vida’, que é um termo que faz parte da terminologia da Arquivologia, há um fenômeno excedente que compõe a noção de polo transcendental, em que a noção de físico-biológico se torna fenômeno transcendente. Esse fenômeno é demarcado por palavras como “reencarnação”, “imortalidade” e “limbo”.

Porém, ambas as ideias biologistas e espiritualistas, se tornaram obsoletas por diversos motivos teóricos, práticos, tecnológicos e culturais da Arquivologia. Na dimensão teórica, não se acrescentam como conhecimento; na dimensão prática, promovem incoerências cognitivas nos arquivistas, pois, dependendo da instituição que produz o documento, a natureza dele é lógica, que não passa por fases; e tecnológica, o mais problemático, pois o fazer técnico ainda é mais congruente com a teoria.

De tal modo, através das análises por intermédio da suspensão e reconfirmação, se constata a necessidade de romper as ideias biologistas e espiritualistas e com a reconfirmação de ‘ciclo de vida’ para ‘ciclo de uso’ ou ‘ciclo de acesso-uso’, que pode ser aplicada à natureza do documento.



REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, A. C. Classificação arquivística e teoria do conceito: elementos para organização do conhecimento. **ISKO Brasil**, Recife, v.5, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/121889>. Acesso em: 19 abr. 2023.
- ALMEIDA, P. A Hermenêutica na Ciência da Informação: da revisão de literatura ao esboço de uma metodologia. **Ibersid: revista de sistemas de información y documentación**, v. 16, n. issn 2174-081x; issn 1888-0967, p. 83-92, 2022. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/205793>. Acesso em: 5 mar. 2023.
- ARAÚJO, C. A. V. Correntes teóricas da Arquivologia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 18, n. 37, p. 61-82, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/315433672_Correntes_teoricas_da_Arquivologia. Acesso em: 5 mar. 2023.
- AUMONT, J. **A imagem**. São Paulo. Papyrus, 2012.
- AZEVEDO NETTO, C. X.; FREIRE, B. M. J.; PEREIRA, P. A representação de imagens no acervo da Biblioteca Digital Paulo Freire: proposta e percursos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 3, p.17-25, set./dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/PK7FkWLTw5QXkMjGnzT5t7x/?lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2023.
- BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRIET, S. **Qu'est-ce que la documentation?** Paris: Édit - Éditions Documentaires Industrielles et Techniques, 1951. Disponível em: <http://martinetl.free.fr/suzannebriet/questcequeladocumentation/briet.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.
- BROOKS, P. The Selection of Records for Preservation. **The American Archivist**, v. 3, n. 4, p. 221-234, 1940. Disponível em: <https://meridian.allenpress.com/american-archivist/article/3/4/221/22538/The-Selection-of-Records-for-Preservation>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CARVALHO, À. A. A imagem e o humano, 2007. In: AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papyrus, 1993. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/AtilaRes.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- CHAGAS, C. A. Avaliação de documentos arquivísticos: teoria e metodologia. **Ágora**, Florianópolis, v. 30, n. 61, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/926>. Acesso em: 15 jun. 2023.



COELHO, J. P. **Classificação arquivística**. Indaial: Uniasselvi, 2020.

COSTA FILHO, C. M. Al. **Records continuum**: limitações do ciclo vital dos documentos na era pós-custodial e as contribuições da Arquivologia australiana. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2020. Disponível em:

<https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/centrais-de-conteudo-old/ppmodila2017-dissert-cassio-jun2020-pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CRUZ MUNDET, J. R. Principios, términos y conceptos fundamentales.

Administración de documentos y archivos, Madrid, 2012. Disponível em:

https://www.entrierios.gov.ar/archivogeneral/userfiles/files/bibliografia%20archivistica/2_%20Cruz%20Mundet.pdf. Acesso em: 20 jun. 2023.

DESCOLA, P. La fabrique des images. **Visions du monde et formes de la représentation**. Paris: Musée du quai Branly, Somogy Éditions d'Art, 2010.

DOLZAN, J. E. **Leitura de imagem**. Indaial: Uniasselvi, 2021.

EUZÉBIO, I. L.; GRIGOLETO, M. C.; SILVA, L. C. Gestão de documentos e da informação na procuradoria-geral do estado do espírito santo: estudo das potencialidades do modelo records continuum. **Ágora**, v. 32, p. 1-23, 2022.

Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/1087>. Acesso em: 20 jun. 2023.

GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-210, maio/ago. 2006.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ptp/a/HMpC4d5cbXsdt6RqbrmZk3J/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 jan. 2024.

INDOLFO, A. C. Gestão de documentos: uma renovação epistemológica no universo da Arquivologia. **Arquivística.net**, v. 3, n. 2, 2007. Disponível em:

<https://brapci.inf.br/#/v/50444>. Acesso em: 15 jun. 2023.

MEDEIROS, N. L.; AMARAL, C. M. G. A representação do ciclo vital dos documentos: uma discussão sob a ótica da gestão de documentos. **Em Questão**, v. 16, n. 2, p. 297-310, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/11041>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

PEROTIN, Y. Administration and the "Three Ages" of Archives. **Archives of the Seine and of the City of Paris**. Paris, v. 29, n. 3, jul. 1966.

SALDANHA, G. S. O "fabuloso" antílope de Suzanne Briet: a análise e a crítica da análise neodocumentalista. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012. Disponível em:



<http://200.20.0.78/repositorios/bitstream/handle/123456789/1093/SALDANHA.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SANCHES, S. M. **Hermenêutica**. Indaial: Uniasselvi, 2013.

SANTANA, S. R. **Epistemologia em Ciência da Informação**: uma análise à luz dos obstáculos bachelandianos, João Pessoa, 2023. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.

SANTANA, S.R. *et al.* **Intersecções históricas, teóricas e práticas da museologia**: considerações do fazer da Museologia Social para fundamentar a Museologia LGBTQIA+. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2023, São Cristóvão. **Anais** [...]. São Cristóvão: PPGCI, UFS, 2023. Disponível em:

<https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxxiiienancib/paper/view/1297>.

Acesso em: 5 fev. 2024.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 1998.

SILVA, D. C. **Ética na avaliação documental no arquivo Guilherme de la Penha do museu paraense Emílio Goeldi**. 2019. Monografia (Graduação em Arquivologia) - Universidade Federal do Pará, Faculdade de Arquivologia da Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

SILVA, A. M. *et al.* **Arquivística**: teoria e prática de uma ciência da informação. Porto: Afrontamento, 1998.

SPUDEIT, D. F. A.O. **Arquivos permanentes**. Indaial: Uniasselvi, 2021.